

"Primeiro vamos matar a fome desse povo"

ENTREVISTA EXCLUSIVA

Candidato do PSD ao governo de Minas, Kalil exalta aliança com o petista e elege o combate à fome como prioridade de sua gestão, caso seja eleito. E faz novas críticas a Romeu Zema

"Tenho muito orgulho de ser apoiado por Lula"

BENNY COHEN E GUILHERME PEIXOTO

Candidato ao governo de Minas pelo PSD, Alexandre Kalil escolheu o combate à fome como prioridade de sua eventual gestão. Em entrevistas exclusivas ao *Estado de Minas* e Portal Uai e à TV Alterosa, o ex-prefeito de Belo Horizonte prometeu estruturar um programa social para socorrer a população em situação de vulnerabilidade. "Tá 2 milhões de pessoas morrendo de fome no estado, quase 10% da população. Primeiro vamos matar a fome desse povo, fazer um programa social. Isso tem pressa", disse. "Depois, é saúde e infraestrutura. Nessa ordem", emendou, ao listar os temas aos quais pretende destinar atenção especial. Kalil concorre com o apoio do presidencialista Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Segundo ele, a aproximação com o petista ocorreu porque ambos gostam de "cuidar de gente". "Ele governou com amor", afirmou, em menção ao período em que o aliado passou no Palácio do Planalto. Nas duas semanas, Kalil falou ainda sobre a situação fiscal de Minas Gerais e o estado de conservação das rodovias. Romeu Zema (Novo), principal adversário de Kalil, e o presidente Jair Bolsonaro (PL) foram alvo de críticas. A seguir, os principais pontos das entrevistas. No canal do Portal Uai no YouTube, é possível assistir à íntegra da participação do candidato no podcast de política *EM Entrevista*. Também no YouTube, o "Jornal da Alterosa" disponibiliza a passagem de Kalil pela atração.



ALIANÇA COM LULA

Kalil e Lula se aproximaram neste ano, após o petista estimular o então prefeito a concorrer ao governo. A boa relação entre eles é um dos trunfos da campanha do PSD em Minas. "Tenho a palavra do presidente da República de que vamos arrumar Minas Gerais", disse Kalil. Lula foi chamado por ele de "candidato mais popular do Brasil". "Minha geração sabe o que é o cuidado do presidente Lula e como ele cuidou do povo que sofria, da fome, da saúde e da educação. Tenho muito orgulho de ser apoiado por Lula. Me envia desde muito — inclusive, por ter me aproximado e me tornado amigo dele". O petista apontou as similaridades entre ele e o ex-presidente. "Cuidamos do povo desta cidade. Também cuidamos de gente. Isso nos deu uma sintonia", pontuou. "Quem não se toca para o que está acontecendo no estado e no país, não se toca, não tem solução", emendou, minutos depois.

ZEMA "NÃO SABE" E "NÃO PODE"

Kalil acusou Zema de não ter a estrutura adequada para o cargo. "O governador tem um problema, que eu não tenho, de não saber o tamanho de ser o governador de Minas. Então, vai ter um problema. Como não ter a estrutura no caso de ser governador com (falei) Bolsonaro presidente, porque sei o peso de um governador de Minas", pontuou.

Segundo o ex-prefeito, Zema tem agredido Lula desnecessariamente. No mês passado, quando o petista fez comício em BH, o governador chegou a criticar reflexos no trânsito. "Mas importante do que ganhar eleição é governar. Essa protercia que está sendo feita vai ter um custo daqui a um ano, porque não vai abrir hospital, pois não sabe e não pode. Não vai arrumar estrada, porque não sabe e não pode. Não vai fazer nada do que prometeu porque não sabe negociar lá. Está esculhambando o presidente Lula sem a menor necessidade", garantiu o ex-prefeito. O discurso de Kalil vai ao encontro do que propugna na As-



ALEXANDRE GUZMÁN/EM/DA PRESS

O governador tem um problema, que não tenho, de não saber o tamanho de ser o governador de Minas"

sembleia Legislativa sua candidatura a vice, o deputado estadual André Quintão (PT). Os parlamentares de oposição a Zema, formalmente liderados por Quintão, questionam a tese do governador de pôr Minas "nos trilhos". Kalil, contudo, crê que as finanças não foram recuperadas. Segundo ele, o estado está "quebrado". "É o primeiro governador da história de Minas que nunca pagou um tostão da dívida para o governo federal", afirmou, em menção a um passivo bilionário que está perto dos R\$ 160 bilhões. "O estado deve quase R\$ 50 bilhões a mais do que (quando) ele pegou".

VICE DA CHAPA DE ZEMA

Ao tratar dos caminhos que o governo estadual pode seguir para prestar ajuda aos economicamente vulneráveis, Kalil teve críticas a Mateus Simões (Novo), secretário-geral da gestão de Zema e candidato a vice na chapa situacionista. No mês passado, ao participar do *EM Entrevista*, Simões afirmou que o estado não cogita instituir um programa uniforme de transferência de renda, em moldes similares aos do Auxílio Brasil, por causa de restrições orçamentárias. Outro empecilho é o fato de a atual gestão crer que as diferenças regionais do estado são outra barreira.

Kalil, porém, rechaçou a tese. "Não ter condições técnicas (para dar auxílio) é conversa para boi dormir. Manda pegar uma botina e botar o pé no esgoto onde o povo pobre mora, com cocô no pé das crianças. Não faz porque não tem coração, empatia e alma. Não faz porque nunca tirou o sa-

pato de verniz do pé e nunca botou a botina e foi ao cocô ver como é", atacou. Embora a Lei de Diretrizes Orçamentárias aponte déficit de R\$ 11 bilhões para o próximo ano, Kalil defendeu o fim das isenções fiscais como caminho para bancar o socorro social. "É só pegar esse déficit e falar: 'Vamos continuar dando R\$ 11 bilhões, mas tirar as isenções de R\$ 1 bilhão ao ano do amigo do rei'. Al, vamos dar os mesmos R\$ 11 bilhões de prejuízo, e o rei vai ficar sem a isenção, mas vamos colocar isso no orçamento, para pobrez", explicou. "Mete o pé na bunda do bilionário — e não de 2 milhões de mineiros passando fome. É só escolher em quem meter o pé: ou é em um bilionário ou em 2 milhões de famintos", continuou.

RECUPERAÇÃO FISCAL E DÍVIDA

Enquanto a equipe econômica de Zema confia na adesão do estado ao Regime de Recuperação Fiscal como saída para refinanciar a dívida junto à União, Kalil aposta na interlocução com as lideranças políticas em Brasília. A rebote do pensamento de seus aliados à esquerda, o ex-prefeito demonstrou temor por prejuízos que o plano de ajuste das contas pode causar aos serviços públicos e ao funcionalismo.

Segundo Kalil, a recuperação fiscal vai impedir a retomada das obras de hospitais regionais, como os de Juiz de Fora, na Zona da Mata, e Sete Lagoas, na Região Central. "Não vai abrir hospital porque a lei não vai permitir. Engana. Pode enganar e falar mentira em tudo, mas não na saúde.

PRÓXIMAS ENTREVISTAS

A série de sobatons dos Diários Associados Minas com os candidatos ao governo do estado está sendo realizada às 19h30, com transmissão ao vivo pelo canal do Portal Uai no YouTube e pelo site do *Estado de Minas*. É às 19h15 no "Jornal da Alterosa", na TV Alterosa. Confira os dados das entrevistas:

- » Hoje - Renata Regina (PCB)
- » 22/9 - Cabo Tristão (PMB)
- » 23/9 - Indira Xavier (UP)
- » 26/9 - Romeu Zema (Novo)
- » 27/9 - Lourdes Franciso (PCO)
- » 28/9 - Carlos Viana (PL)
- » 29/9 - Marcus Pestana (PSDB)
- » 30/9 - Lorene Figueiredo (Pso)

Com a Lei de Recuperação Fiscal, não vão abrir hospitais. A lei não permite", declarou.

O ex-prefeito chamou de "burocratas" os responsáveis pelas regras do Regime de Recuperação Fiscal, vinculado à Secretaria do Tesouro Nacional. "Depois que a gente ver como vamos abrir hospitais e centros de saúde e como vamos reestruturar a infraestrutura, (iremos) em cima disso, fazer um plano de Recuperação Fiscal exatamente como uma roupa deve ser. A calça que serve no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul

não é a calça que serve a Minas Gerais", apontou, em menção a dois estados que ingressaram no programa de refinanciamento. Paralelamente, Kalil prometeu "acampar" na capital federal e dialogar com o governo federal para captar recursos. "Falta de dinheiro não é. Há dinheiro para o Nordeste, para São Paulo e para o Rio. Só não tem dinheiro para Minas".

CRÍTICAS A BOLSONARO

"Convicto" de que Lula vai vencer a corrida ao Planalto no primeiro turno, Kalil chamou Bolsonaro de "barburo". "No dia da eleição, vamos sair da barbárie e voltar à civilização", projetou. Em 2021, em meio à escalada da pandemia de COVID-19, Bolsonaro criticou o fechamento de estabelecimentos comerciais e acusou Kalil de "fazer barbaridades" em Belo Horizonte. Hoje, ao relembrar a crítica, o candidato de Lula em Minas ironizou o adjetivo "imbrotchável" e criticou a postura do governo federal ante a doença viral.

"Barbáridade é falar que quem toma vacina é jacaré, é receber 90 propostas da Pfizer enquanto este país enterra três mil pessoas por dia. Barbáridade é falar que quem se vacina pegava Aids. Barbáridade é pegar uma criança, quando estava morrendo essa quantidade de gente, no colo e sem máscara. Barbáridade é matar uma pessoa morrendo por falta de ar".

ESTRADAS E MINERAÇÃO

Ao comentar a situação das rodovias mineiras, um dos temas

que utiliza para reprovar Zema, Kalil criticou Fernando Marcatto, secretário de Estado de Infraestrutura e Mobilidade e um dos principais defensores do Rodoanel Metropolitano, criticado pela Prefeitura de Belo Horizonte. "A maior malha viária deste país é tocada por um advogado que só pensa em concessão", disparou. (Marcatto) é um advogado de São Paulo. Se perguntar a ele o que é um pavimento invertido, não sabe", acrescentou. O ex-prefeito disse que o governo federal "abandonou" as BRs que cortam Minas, mas ele criticou a postura do estado diante de casos como o da BR-381. "So Minas Gerais aceita ter, durante 20 anos, uma rodovia chamada da Morte".

Contrário à mineração que chamou de "aberração", Kalil disse apostar na fiscalização para coibir eventuais abusos do setor. "A mineração é importante 'para burro' para os municípios e para o estado, mas é a primeira vez na história deste estado que quem toma conta de minerador não é minerador. Quem vai tomar conta de mineração, como sempre foi, é o estado, técnicos do estado, fiscalizando para não deixar matar mais gente e fazer mais desastres, como o feito no Rio Doce", lamentou.

Ele ainda voltou a artilharia à Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg). "Minha secretaria (de Meio Ambiente) vai sair da Fiemg e voltar para o estado. Quem fiscaliza a mineração e dá o licenciamento é o estado — não a Fiemg. Vamos tirar a secretaria dos bilionários da mineração, que terão de obedecer à lei ambiental com o governo de Minas", afirmou.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política **Página:** 5